



FUNDAÇÃO ROBINSON



Brochuras GFCB – 2006-2008



INSTITUTO DE ESTUDOS
DE LITERATURA TRADICIONAL
FCSH/UNL





"Boavista"

2006

Nota de Abertura

1967 / 2006

39 anos ao serviço da cultura popular, recolhendo, preservando e divulgando os usos e costumes das gentes da Serra de São Mamede. Centenas e centenas de pessoas deram o seu melhor para que estes 39 anos sejam comemorados com dignidade na certeza de que sabemos o que queremos e para onde vamos. Sabemos as nossas origens, “o que sofremos para aqui chegar”, temos orgulho em ser do norte alentejo e do Boavista.

Queremos continuar uma grande obra iniciada há 39 anos por esse grande homem, felizmente ainda vivo, o senhor Vidal, esperamos poder contar com o seu testemunho no próximo ano aquando das comemorações do 40º aniversário. Com ele e com todos os outros que de alguma maneira serviram o Boavista.

Queremos ajudar a erguer em Portalegre o “Museu do Mundo Rural”, para que tantas e tantas peças se não percam, e podermos dizer às gerações actuais e vindouros como se trabalhava o campo, como era trabalhar de “sol a sol”, e apesar disso, como havia ainda engenho e arte para cantar e dançar como só as gentes da nossa terra sabem.

Queremos gravar em CD as modas que nos ensinaram, para que perdurem, e porque temos hoje felizmente, no grupo gente dedicada que tudo dá e nada recebe, porque gosta das suas gentes e porque honramos e homenageamos a memória daqueles que nos ensinaram.

Oxalá os apoios não nos faltem.

A Direcção do Grupo Folclórico e Cultural do Boavista, quer ainda deixar público testemunho de agradecimento à Câmara Municipal de Portalegre, à Junta de Freguesia de Sé e S. Lourenço, por todo o apoio prestado neste último ano, bem como às demais entidades públicas e privadas, salientamos igualmente o apoio que de um modo geral o comércio tradicional têm dado ao grupo, patrocinando esta brochura, sem eles tudo seria bem mais difícil.

A Direcção

Mais um ano de actividade nos propõe o Rancho Folclórico e Cultural da Boavista. Prestes a festejar o seu quadragésimo aniversário, vai percorrer, no corrente ano, mais uma etapa do percurso cultural que em boa hora iniciou.

Da pesquisa que ao longo dos anos tem efectuado, resulta um repositório vasto e fidedigno dos nossos usos e costumes no domínio dos cantares e dos trajes populares. É esse repositório que em cada actuação exhibe, recordando, cimentando e valorizando a nossa identidade regional, pois a sai acção há muito já que demonstrou serem para si “estreitas” as fronteiras do Concelho onde nasceu.

Como Governo Civil e cidadão não posso deixar de manifestar o meu apreço e gratidão por esta dádiva.

O Governador Civil

Jaime Estorninho

É sempre com grande prazer e redobrada satisfação que dou testemunho publico do meu respeito e admiração pelo trabalho que, ano pós ano, é desenvolvido pelo Grupo Folclórico e Cultural da Boavista.

O Boavista merece, por tudo o que tem feito e continua a fazer em prol da preservação das tradições e da cultura popular, o apoio e o aplauso de todos os Portalegenses.

Felicito, em termos pessoais e institucionais, este verdadeiro “embaixador de Portalegre, em Portugal e no Mundo; incitando todos os seus membros (Direcção e restantes corpos sociais, sócios e elementos activos do grupo folclórico) a continuarem o trabalho de grande qualidade de que todos temos sido testemunhas.

Bem-hajam pelo vosso trabalho e dedicação, em relação aos quais Portalegre e os Portalegenses devem estar, e estão certamente, orgulhosos e gratos.

O Presidente da Câmara Municipal de Portalegre

José Fernando Mata Cáceres

Num momento em que muito se fala sobre globalização, importa que salvaguardemos aquilo que nos distingue e, naturalmente, o nosso património cultural é um dos bens que importa salvaguardar e valorizar.

O Grupo Folclórico e Cultural da Boavista tem feito um trabalho exemplar na divulgação da cultura do Alentejo através das manifestações culturais materializadas na actuação do Grupo, pelo nosso país e também no estrangeiro.

Contudo, importa salientar o vasto trabalho de recolha que é efectuado junto das gentes deste território e que faz com que esta cultura popular permaneça viva.

Por outro lado, quero ainda valorizar o trabalho que este Grupo tem vindo a realizar junto das gerações mais novas. Estou certo que este trabalho irá trazer benefícios para a região e para a cultura.

Este valioso serviço em prol da defesa de um bem colectivo, a nossa cultura, deverá ser, conhecido, reconhecido e todos devemos contribuir para a sua continuação.

O Presidente da Câmara Municipal de Monforte

Rui Manuel Maia da Silva

DEPOIMENTO DO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DO FOLCLORE PORTUGUES

Lamentavelmente, e em razões de argumentos que não conhecemos inteiramente, mas que conscientemente ousamos por em causa, o património cultural tradicional português, em cujo âmbito se incluem de modo muito significativo o Folclore e a Etnografia, não tem merecido a tutela do Ministério da Cultura, como se de Cultura não se tratassem o conhecimento, a preservação e a divulgação dos valores de uma Pátria que mais oito séculos de História.

A Matriz cultural do Povo Português – que só pode encontrar-se pela interação das tão ricas tradições sociais e culturais da população nacional, nas diferentes regiões etnográficas que a constituem ao longo das sucessivas referências culturais do Povo de uma Pátria das mais antigas do Mundo, sem que assistimos ao desenvolvimento de uma estratégia que possa, tanto pela sua aplicação prática, como pela sua influência na formação cívica das novas gerações, garantir que o Povo de Portugal continue a ser Português, sem deixar de ser europeu, moderno, evoluído e progressista. Um povo consciente das suas referências culturais, conhecendo a história da sua pátria e dos seus avoengos, será sempre alguém esclarecido em relação às opções que os desafios do futuro lhe vier exigir, para consolidação de uma sociedade justa, solidária e democrática onde todos tenham direito diferença assente a cultura tradicional do seu país.

Só quem sabe de onde vem, poderá, seguramente, projectar para onde quer ir!

Os Grupos/Ranchos de Folclore são uma Força:

**Cultural
Social e Recreativa
Económica**

O trabalho que desenvolvem em prol da sua comunidade é sobremaneira importante que deveria ser muito mais valorizado por quem nos governa. **O GRUPO FOLCLORICO E CULTURAL DA BOAVISTA** é bem a prova do que referenciados, por isso querem expressar aos seus directores, Componentes e Associados o meu reconhecimento e aplauso.

O Presidente da Federação do Folclore Português
Fernando Ferreira da Silva

O Grupo Folclórico e Cultural da Boavista tem, ao longo dos anos, demonstrado que o Norte Alentejano se pode orgulhar das suas tradições culturais.

É através das suas gentes, danças e cantares que tanto têm dignificado o nosso folclore, que dão a conhecer ao resto do mundo o nosso vasto património etnográfico e permitem que o mesmo não seja esquecido.

Temos a certeza que o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista vai continuar a honrar por muitos anos a cultura popular do Norte Alentejano.

Assim, saudamos a apresentação do seu Programa de Actividades para 2006.

O Presidente da Região de Turismo do Norte Alentejano

António José Ceia da Silva

Ao lusco - fusco das manhãs de Outono,
-estações do ano são humores da vida!,
homens do peixe do senhor Rabinha,
seus fatos negros de borracha húmida,
entre o estertor das camionetas Diesel
arrastam os caixotes reluzentes a assobiar de fresco ao nevoeiro.

As motoretas passam a grasnar roufenhas, oleosas, proletárias,
de capacetes e faróis acesos, um gosto popular de cosmonautas.

De quantos aldos chegam! as mulheres, de alcofas pela mão e
as grandes nádegas, já debruçadas, para aviar a praça,
gulosas do café com massa frita,
da qual o cheiro alastra, uma doçura o largo, os automoveis,
e o meu quarto.

Ao lado, no quartel, os corneteiros, já diluíram os clarins dolosos
sobre o cinzento do verniz dos plátanos.

Da serra para o mercado há os que passam com suas botas de ferrar o chão,
ao bafo do vapor azul discreto de algum oficial à porta-d'armas.

As bestas e as carroças de hortaliça, impacientes, fumegando, chamam,
rangem os aros de metal das rodas, batem os cascós, rifles, na calçada.

Rapazes pobres do trabalho em obras,
-andámos todos já na mesma escola,
nem é de mais que algum seja bombeiro,
falam-me sempre para fumar comigo.

Sete horas da manhã. Meia p'rás oito.

O apito da fábrica da Rolha
espichou agora, em sobressalto, vivo,
seu arrepio de esgarnar o ar...

- Que pena o d'Assumpção, que se matou!

talvez imaginasse apetecer-lhe,
aqui de Portalegre, alucinado,
um copo de nevoeiro.

Carlos Jesus Ferreira Garcia de Castro
(in Os Lagóias e os Estrangeiros 1992)



Boavista

2007

1967 - 2007
40 anos pela cultura popular

Nota de Abertura

Os Ranchos são - devem ser - o retrato dum povo

Aflige, e entristece, ver a forma como alguns elementos de ranchos folclóricos se apresentam trajados. O respeito que deve haver na representação da forma de viver e de estar dum povo, não é, amiudadas vezes, tido em conta por quem enverga um traje, outrora motivo de orgulho e de humilde vaidade de quem o usava.

Os trajes hoje exibidos po elementos dos ranchos folclóricos, quer sejam de trabalho ou de festa, são o espelho de uma comunidade de antanho. Deve, por isso, merecer uma compostura decente de quem a representa. Doutra forma, mancha-se a honra dos avoengos que queremos representar, e que, vaidosamente faziam jus em se apresentarem com dignidade, mesmo quando a calça, a camisa, a saia ou a blusa tinham uns pontos a eliminar um buraco.

Aquela moçoila que se passeava descuidadamente trajada, com um véu que deveria ser de cor branca, mas estava negro e sujo; aquele rapaz que representava um pescador, mas nos pés tinha umas sapatilhas; ou aqueles outros que se desfraldam e abrem a camisa até onde há botões e varrem o chão com a cinta, são "retratos" feios de um povo, que fazem corar de vergonha a quem representam.

Um rancho de folclore é o legítimo transmissor dos modos de viver do seu povo de antanho. Obriga-se a fazê-lo com dignidade. Como o povo merece. E o folclore também.....

Este artigo de opinião que aqui reproduzimos, com a devida vénia, do "Jornal do Folclore" constitui para a Direcção do Boavista a trave mestra de todo o nosso trabalho que vimos desenvolvendo ao longo de 40 anos. alicerçado num trabalho de recolha e pesquisa iniciado pelo senhor Vidal. Neste ano de aniversário entendemos expressar a todos os componentes, aos actuais e aos que por aqui passaram, aos sócios, aos Directores, á população anónima do concelho de Portalegre o nosso obrigado pela ajuda inestimável que deram á causa da cultura popular. Cada vez mais a realidade dos nossos dias prova a necessidade de sabermos quem fomos, o que somos e o que queremos ser. Ao longo dos ultimos 40 anos de actividade ininterrupta, transportamos o orgulho em representarmos a nossa terra, somos do Norte do Alentejo, somos o Boavista. A Direcção agradece ao comercio tradicional, ás entidades publicas e privadas, a ajuda preciosa e o apoio sempre concedido ao nosso trabalho. Um novo ciclo se abre, no findar do 40º aniversario do grupo.

A Direcção do G. F. C. Boavista

RES

«O P»

de: José Man

Almoços e Jantares
Frango Assado

Se

v

P

c

Praça

7 300-1

RES

RES

RES

RES

RES

RES

RES

Vinhos

N

Chocos co

Perni

S

Tel

7 300-43



Horár

(D

Telef

Av. d

7300 P

Na passagem do quadragésimo aniversário do Rancho Folclórico da Boavista evoco os seus fundadores e todos aqueles e aquelas – e tantos foram – que souberam manter vivo o espírito do folclore, transmitindo às nossas gerações os cantares e bailares da região de Portalegre, nosso património comum e verdadeiras raízes de uma cultural popular que tem sabido preservar e aumentar ao longo dos anos.

Vencendo as dificuldades próprias de uma pequena colectividade nem sempre devidamente apoiada, o Rancho Folclórico Da Boavista conseguiu, com as suas recolhas de trajes ancestrais e cantares e bailares, manter incólume uma parcela valiosa das nossas especificidades como o povo, retratando magistralmente uma parte importante da alma norte alentejana.

Exorto os actuais componentes do Rancho e a sua Direcção a continuar esta já to longa caminhada, na certeza de que o farão com a mesma qualidade e dedicação com que o fizeram até ao presente.

Portalegre e o seu Distrito agradecerão com o seu aplauso e carinho.

Enquanto cidadão deixo o meu muito obrigado sentido, como Governador Civil a gratidão e apreço do Distrito pela vossa acção.

Longa vida e sucesso são os meus votos!

O Governador Civil

(Jaime da Conceição Cordas Estorninho)

Quarenta anos de actividade intensa e profícua constituem sem dúvida, na vida de qualquer instituição, motivo de enorme orgulho e regozijo, para a própria e para aqueles que a integram e lhe dão vida; e de satisfação e aplauso, para a comunidade na qual a mesma existe e onde tem as suas raízes...

No caso presente, o BOAVISTA merece indiscutível e merecidamente, da parte da Câmara Municipal de Portalegre, uma palavra de reconhecimento e de agradecimento pelo trabalho e dedicação que, nos seus 40 anos de existência, tem levado a cabo, em prol da recolha, preservação e divulgação da herança histórico-cultural da nossa região.

A todos aqueles que, ao longo destes 40 anos, ajudaram o Boavista (corpos sociais, associados, colaboradores, e em especial aos que, em palco, dão corpo e são a imagem mais visível de um grande trabalho de equipa e de bastidores) os nossos mais sinceros parabéns.

Neste 40º aniversário permitam-nos uma palavra de especial reconhecimento a um Homem a quem o Boavista, e logo a cidade de Portalegre, muito ficaram a dever: o saudoso Eleutério Janeiro.

Ao longo de muitos anos, ele foi o rosto mais visível e a alma do Grupo; e neste momento de festa e de alegria não poderíamos deixar de, com alguma emoção, recordar e, ainda que simbolicamente, homenagear o seu trabalho, o seu entusiasmo e a sua dedicação ao “seu” e “nosso” BOAVISTA.

O Presidente da Câmara Municipal de Portalegre

José Fernando Mata Cáceres



De: J
E-ma

Rua Joaquim da Cr
Zona Industrial
7300 - 060 PORTAL

CAS

ARTESANATO
LEMBRANÇAS

VIRGILIO

Telef.: 245 20

7300

NOS QUARENTA ANOS DO RANCHO DA BOAVISTA

Os emigrantes serão quem melhor aprecia, e com mais alma, a cultura do seu País porque é nela que se projectam na saudade das origens e lembranças, dos locais donde partiram, predominantemente rurais, cujo o ambiente, modos de vida, tradições antigas os Grupos Folclóricos procuram reconstituir ou documentar.

As grandes dificuldades, porem, com que estes grupos se debatem para continuarem activos e reconhecidos junto do próprio publico para que inicialmente se formaram, resultam de que o conteúdo das suas iniciativas se encontra já distante, perdendo significado, do quotidiano laboral das populações e da sua mentalidade, por radical transformação ou extinção do típico artesanal da economia rural, daí definitivamente surgidos diferentes interesses e necessidades.

O rural esta em vias de se urbanizar, avizinha-se da cidade, pela técnica, pela educação, pelos transportes, pelas comunicações. Perdeu o gosto de se celebrar a si próprio e com isso perdeu também a espontaneidade, alargou os horizontes.

Lá por fora, os emigrantes desfrutam das mesmas transformações, mas a matriz da existência popular dos emigrantes ressurgem-lhes no coração e nunca dela se separa porque emerge da saudade, tem referencia de saudade, é reencontro sempre que assiste, comovido, as actuações folclóricas do seu País, a ver bailar e a sentir um Rancho que canta dentro de si a mesma língua, lhe traz a dimensão propulsora dum destino, trajecto da sua vida, agruras ultrapassadas desde o tempo experimentado, um mesmo espaço de ausência, suspensão da juventude esses lugares ali compartilhados, um anseio de permanência para o regresso.

Lembrámo-nos deste modo dos emigrantes, para exemplificar a perspectiva meritória dos efeitos psicológicos que o Folclore pode suscitar, quando entendido em acuidade matricial de uma cultura.

Desde que se esclarecessem outros públicos, porventura menos interessados e para isso se lhes proporcionasse qualidade e apuramento cuidados, de que o Folclore é expressão histórica dum exercício etnográfico com dignidade e elevação talvez o sentido fortuito de espectáculo secundário ou de turismo que se lhe tem atribuído se transformasse e nos servisse de ajuda à consciência e ao orgulho cultural de povo com identidade.

Carlos Garcia de Castro

1967-2007 – 40º Aniversario do Boavista

E já lá vão quarenta anos que numa Marcha de S. João de 1967, organizada pelos habitantes do recente construído Bairro da Boavista em Portalegre, a brincadeira entusiasmou os intervenientes e poucos dias passados a 29 de Julho de 1967, realizou-se um espectáculo de apresentação no Seminário Maior de Portalegre, onde foi oficialmente fundado o RANCHO TIPICO E REGIONAL DA BOAVISTA.

Aqui prestamos a nossa homenagem pela voluntariedade dos jovens daquela época que em conjunto foram fundadores do BOAVISTA, com o João Vidal, Alvaro Parreira, Hilário Vintém, e António Lagarto Gonçalves.

Fundar uma agremiação cultural naquela época, em Portugal tinha contenção de despesas, as condições sócios – económicas e políticas não eram muito favoráveis a devaneios, convencer jovens a integrar a Associação e obter financiamentos para comprar trajes e utensílios etnográficos, não deve ter sido tarefa nada fácil.

A actividade folclórica teve maior incidência no norte do País nos anos quarenta e cinquenta do séc. XX, aquando da Fundação das Casas do Povo ou quando determinada região se fazia representar em Lisboa nas Festas do Estado Maior e então funda-se à pressa um Rancho Folclórico ou uma "Marchinha", quase sempre pouco cuidada na genuinidade Etnográfica da região que representavam.

Felizmente que no final dos anos sessenta, os meios áudio visuais como a Televisão começaram a transmitir Programas de Cultura e o Poeta e Folclorista Pedro Homem de Mello, ensinou muitas coisas de etnografia e começou a pôr alguma ordem no Folclore.

Portalegre nunca foi muito folclorista, apesar de se ter fundado o Rancho da Fabrica de Lanifícios para as Festas Centenárias de 1950, mas que logo desapareceu e também a juntar a alguns Cortejos de Oferendas que tinham representação etnográfica das Casas Agrícolas e das Marchas e Cantigas das Freguesias rurais, os quais se realizavam muito espaçados no tempo e tinham duração efémera.

Aquando da fundação do Rancho da Boavista, o mesmo nasceu com bases sólidas e autenticas, graças ao fundador João Vidal, jovem simples e do Povo, que respirava etnologia aprendida no termo e serranias de Marvão, em contacto directo com as puras genuínas gentes da Serra de São Mamede, que executavam as fainas campestres.

Em 1967, João Vidal percorreu as três Freguesias do Concelho de Portalegre e em todas as Aldeias da Serra de S. Mamede, com um simples gravador (que hoje se poderia considerar material obsoleto) pôs o Povo a cantar e a balhar, fazendo as recolhas e coreografias genuínas que o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista, tem apresentado em palco nos

quarenta anos de existência e cujas Balhações são admiradas e muito aplaudidas por todo o Portugal e nos vários Países da Europa, Africa e América por onde o Boavista já passou.

O Boavista foi o pioneiro no folclore do concelho com recolhas genuínas; outros Grupos lhes seguiram e quiseram copiar, só que alguns plagiaram mal, mudando o nome a cantigas, coreografias e balhações. Isso não tem valor em folclore e porque esta actividade cultural começa a ser estudado como científica por Etnólogos e Musicólogos, tem que se provar que os nossos antepassados cantavam, bailavam e trajavam assim.

Porque a maquina começou a substituir o Homem no campo a partir dos anos cinquenta, o Rancho da Boavista tem um valioso património em recolhas de cantigas, balhações e trajes que tem sido completadas ao longo dos anos e nunca se perde a oportunidade de recolher nos meios rurais o que ainda for possível juntar ao já existente; assim o têm feito Manuel Braga e a D. Fernanda. Quarenta anos – Tantas gerações e dedicações de exímios bailadores, músicos, ensaiadores e Direcções que passaram por aquela “velha casa” nas costas da Senhora de Santana. É impossível nomeá-los a todos, mas não podemos esquecer o Álvaro Parreira, que durante vinte anos conduziu o Rancho da Boavista, como Directo Técnico e apresentando-o com a sua dialéctica fácil e nas horas vagas e altas da noite ele e a esposa D. Cesaltina, cosendo e confeccionando os trajes que os rapazes e raparigas usariam em palco. Pedimos-lhe para recordar esses tempos difíceis de trabalho, dedicação e de glória para o Boavista, escrevendo algo, mas alegando motivos de saúde, nada quis escrever.

Quando entrei para o Boavista, havia um naipe de excelentes bailadores e bailadeiras (e ainda hoje há), que executavam as danças nos bicos dos pés e poderiam ter tido grande futuro se praticassem “bailado clássico”. Não poderíamos esquecer o grande tocador de Bandolim e Banjo, Sérgio Modas, grande e alegre companheiro de muitas noites em viagens nos incómodos autocarros e grande Pedagogo e amigo dos mais novos. Aqui fica a nossa homenagem ao Sérgio Modas.

Eleuterio Janeiro, que durante mais de uma década deixou a marca que ainda não foi esquecida, de grande Presidente e dirigente e amigo de todos, que a sua “calma e dedicação”, sorria as muitas dificuldades e complexidades de como dirigir este tipo de Associações; Substituiu-me na Presidência do Boavista em 1989, o qual veio a orientar e conduzir o Grupo, com muita mestria e acerto. Aqui fica a homenagem póstuma de todos os componentes do grupo e dos amigos que todos os dias dele se lembram.

Ontem como hoje o Boavista onde se apresenta dá grandes alegrias a quem o vê o aplaude pela autenticidade das cantigas e “Saias” do Alto

Alentejo e
nestes qua
são uns ar
Mas para
década e r
de Dirigen
que també
musicais, u
O Rancho
social; Mu
Muitas his
Fazer a re
que tem d
As dificult
calcanhar
pelas suce
Turismo, In
para que d
O Grupo
região de
Folclore Pe
Joaquim R
Boavista e
anos, ape
Força Pres

Alentejo e da Serra de São Mamede. A todos os rapazes e raparigas que nestes quarenta anos envergaram o Traje do Boavista, dizendo que "você são uns artistas de folclore de que Portalegre se orgulha".

Mas para se brilhar alguém tem de ensaiar; Manuel Braga, há mais de década e meia que é o ensaiador do Grupo, que acumula com a função de Dirigente e ainda com a sua voz timbrada e a Fernanda Bacalhau, que também apresenta o grupo, formam com um corro e instrumentos musicais, uma tocata de luxo que o Boavista hoje tem.

O Rancho da Boavista tem tido ao longo dos anos uma função cultural e social; Muita gente lá se conheceu e diversos casamentos se fizeram. Muitas histórias ficam por contar que poderemos fazer noutra edição. Fazer a resenha de quarenta anos não é fácil e que nos desculpem os que tem dado algo ao Boavista e que não nomeamos.

As dificuldades financeiras foram, são e continuam a ser no futuro o calcanhar de Aquiles daquela casa; Não esquecemos o apoio prestado pelas sucessivas Câmaras Municipais, Juntas de Freguesias, Região de Turismo, Inatel, Comercio Tradicional e outros que sempre tem contribuído para que o Boavista exista.

O Grupo está muito bem trajado com trajes do século passado e da região de Portalegre, conforme mandam as regras da Federação do Folclore Português, da qual é membro activo e muito credenciado.

Joaquim Rebelo, dirigente calmo e ponderando, é o actual Presidente do Boavista e lá vai contribuindo para que a associação continue por muitos anos, apesar das dificuldades financeiras que aparecem no dia a dia. Força Presidente.

Henrique Salsinha

Comemorações do 40º Aniversario

Grupo Folclórico da Boavista retrata ruralidades no palco das Artes em Portalegre.

O publico acorreu em massa ao recém construído Centro de Artes e Espectáculos de Portalegre, um atractivo espaço cultural criado pela Câmara Municipal local, motivado pela encenação das vivências populares de outrora preparadas pelo Grupo Folclórico e Cultural da Boavista que desta forma inicia as comemorações do seu 40º aniversario.

A autarquia de

Portalegre deu assim mais um bom sinal de cooperação com os seus representantes culturais, cedendo as instalações do seu moderno espaço dedicado a cultura.

A plateia lotou depressa pelo interesse que se gerou à volta da iniciativa do Grupo da Boavista. E as expectativas não terão sido goradas, tal o entusiasmo dos aplausos com que os “actores” foram tributados no final da sua representação. Os elogios não foram poupados à admirável encenação das tradições e hábitos das gentes serranas de S. Mamede, habilidosamente retratados pelo Grupo da Boavista.

As novas tecnologias proporcionaram uma retrospectiva da historia do grupo aniversariante, com a projecção de slides, que se iniciaram a apresentação do então Rancho Regional da Boavista, na sua fundação em 1967. José Campos disse o poema que ele próprio apresentou aquando da primeira exibição do grupo. Evocação aos fundadores.

Iniciaram-se desta forma uma série de iniciativas que ao longo do ano vão assinalar a passagem dos 40º aniversário do prestigiado Grupo da Boavista, espelho vivo da etnografia e do folclore da região de S. Mamede, no Alto Alentejo. Um texto escrito de forma irrepreensível descrevia uma interessante sequencia de quadros e motivos da vivência popular, dos trabalhos agrícolas – a sementeira, os guardadores de gado, a apanha da azeitona, a cava, a monda, a ceifa, a tiragem da cortiça – aos mais diversificados costumes de antanho, registados enquanto pedaços da cultura popular da região.

Um bonito romance cantado de forma sublime, os jogos tradicionais, os pregoes e as lenga-lengas, como ainda as orações e crendices, as rezas e mesuras, as cantigas à desgarrada, as lendas e os contos, os provérbios e adágios.

O canto, versegado pelos amores e desamores. Foram lembradas também as populares Maias, tão arreigadas no espírito das gentes da região. Depois, a apresentação de trajos usados outrora entre os vários extractos sociais e que hoje constituem o património etnográfico preservado pelo Grupo aniversariante.

Particularidade interessante a informação da prova da recolha, com indicação das fontes, os usuários ou familiares.

Uma mostra sequencial de instrumentos musicais, com uma natural evolução no tempo, valorizou igualmente a exposição de motivos tradicionais: ferrinhos, castanholas, pandeiretas, zamburras, adufes, harmónios, concertinas, gaita-de-beiços, violas, bandolins, e acordeões. As balhações de outrora fizeram a festa final. Especial ênfase das populares modas de Saias, tão caracteristicamente dançadas e cantadas na região alentejana de S. Mamede.

“ Eu sou devedor à terra / A terra me está devendo / A terra paga-me em vida / Eu pago à terra em morrendo”.

Versos de um cantar alentejano. Uma oração, uma promessa de fé. Uma ligação do homem à sua terra-chão.

Um nó que não se desata nunca. Apertado pela raiz que entra terra adentro. Terra que é angustia e esperança, terra viva que ouve gritos surdos de mágoa e de desespero.

Terra que priva e recompensa, num alimentar de ilusões. Na serenidade dos montados e das searas, na pacatez das aldeias, na melancolia dos montes ou na altivez da pedra – um Alentejo ímpar e particular, uma “charneca rude” cantada por Florbela Espanca e poetizada por José Régio.

O folclore do Alto Alentejo caracteriza-se pela harmonia das melodias, a poesia das cantigas e o timbre distinto das vozes. Canta-se numa evocação à vida, ao amor, ao trabalho. Dançam-se num rodopiar certo as “Modas de Saias” ou as “Modas Viradas”, dançadas em coluna e quadrilha. Os trajes denunciam um gosto particular na confecção esmerada das vestes de festa, especialmente sem desprimor para a indumentária mais habitual. No conjunto conceitos culturais tradicionais dum povo e duma “charneca rude”, que marcam terras e gentes.

Manuel João Barbosa
in “*Jornal do Folclore*” - Março de 2007

Ao Grupo da Boavista pelos seus 40 Anos

I
Numas casinhas erguidas
ali junto ao cemitério
rapazes e raparigas
cada um ao seu critério
resolveram-se juntar
vá de cantar e bailar
e lá pelo S. Joao
Foi de marchinha e conversas
arranjaram-se umas peças
e hoje são o que são

II
Fizeram uma tocata
viola e acordeão
também tem lugar a gaita
cada um toca a bom som
bate a ronca a compasso
sai a dança do abraço
vozes límpidas a cantar
ensaçando a bom jeito
cada um com o seu par
tudo certinho a preceito

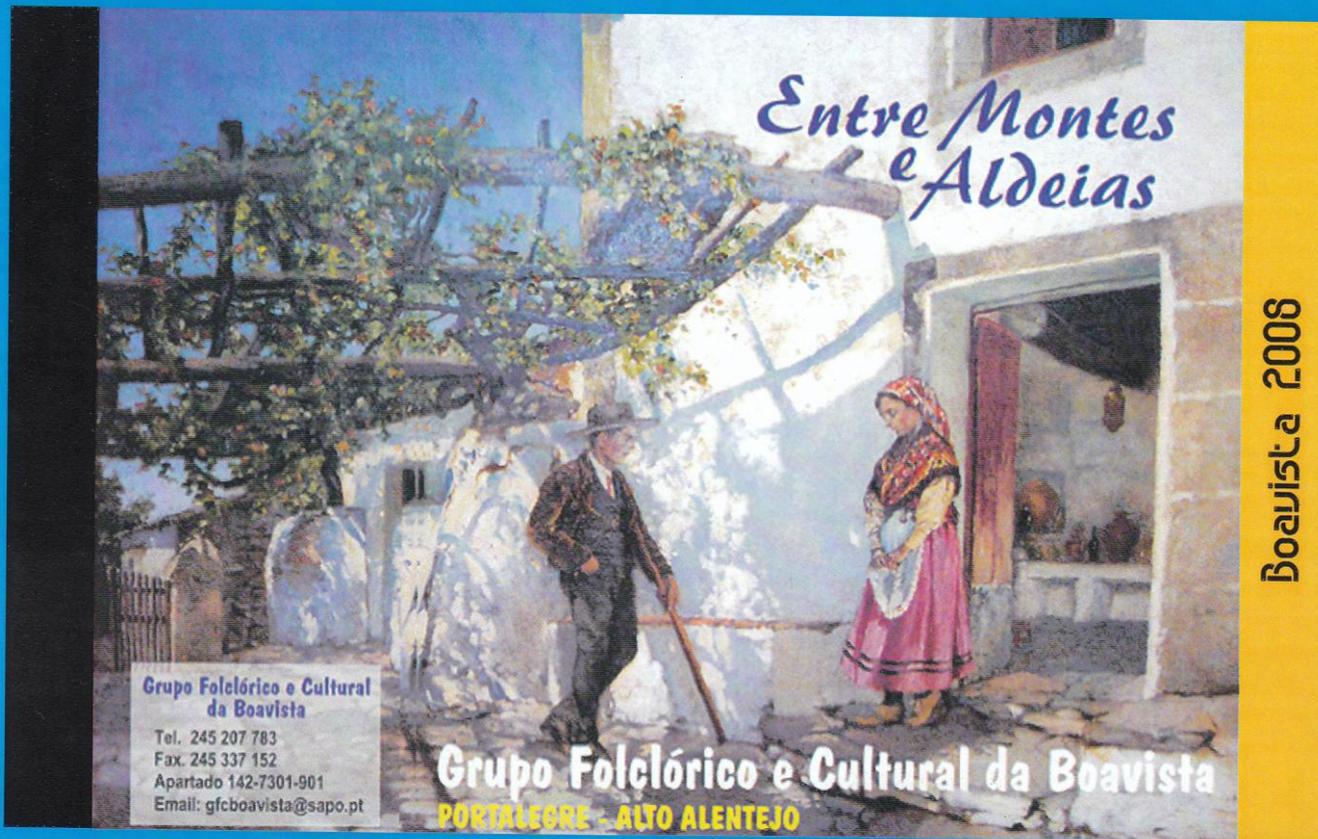
III
Estreaste no seminário
os teus cantares tuas danças
muitos esforços e andanças
de quem por ti se interessou
arranjaram-te um espaço
esforços unidos em abraço
raiz que frutificou
começa assim a tua história
nunca apaguem da memória
como tudo começou

IV
Sai já o vira das hortas
depois a dança do pau
as saias o entrançado
p pastor com a s suas botas
de trajo bem requintado
dançam o vira cruzado
trajo de rica e ceifeira
saltam com a murtanheira
e eis pois o que saiu
deuma simples bridadeira

V
Boavista é teu nome
vem do bairro onde nasceste
tua fama é enorme
já passaste além fronteiras
dançadores e cantadeiras
musicos e porta estandarte
demonstram a sua arte
e juntos em comunhão
com as familias e Direcção
são do Alentejo baluarte

VI
Boavista de Portalegre
do alentejo do pão
representas a nação
quando vais a outros países
demonstras tuas raizes
és livro de história vivo
preservas o que está esquecido
para ser bem recordado
pois Boavista te digo
por tudo muito obrigado

Diamantino Corte Real



*Entre Montes
e Aldeias*

Boavista 2008

**Grupo Folclórico e Cultural
da Boavista**

Tel. 245 207 783
Fax. 245 337 152
Apartado 142-7301-901
Email: gfcboavista@sapo.pt

Grupo Folclórico e Cultural da Boavista
PORTALEGRE - ALTO ALENTEJO

Nota de Abertura

Comemoramos este ano 41 anos de existência, de trabalho de pesquisa, de rigor, de verdade naquilo que representamos. Este ano mais um objectivo alcançado, a gravação e edição do nosso primeiro CD, propositadamente chamado "Entre Montes e Aldeias", homenageando assim o senhor João Nunes Vidal, que literalmente calcorreou montes e aldeias, recolhendo muito do que hoje cantamos e dançamos. Estaremos sempre gratos por este trabalho feito de amor e paixão, pelos usos e costumes das gentes da serra de S. Mamede, com o objectivo de não se deixar perder, mais esta nossa memória colectiva.

Foi também um ano de trabalho virado para o futuro do Grupo, com a assinatura de protocolos com as escolas básicas do Bairro dos Assentos e Atalaia, "semeando" junto dos mais pequenos este objectivo a que nos propusemos há 41 anos atrás. Felizmente a "colheita" tem sido boa e com resultados bem visíveis para todos. O Futuro do Grupo está assegurado, com o esforço de muita gente que desinteressadamente, continua semana após semana a ensinar e divulgar o nosso folclore, sentimo-nos recompensados e imensamente gratos ao ver a expressão dos que ensinam e dos que estão a dar os primeiros passos quando estão nos ensaios do Grupo, ou nas demonstrações públicas que já vão fazendo. O "caminho faz-se caminhando" é de facto uma expressão feliz e que se ajusta á nossa realidade.

O "Boavista" continua a ser bastante solicitado, de Norte a Sul do País, podemos hoje afirmar que somos uma referência no panorama folclórico nacional, atestam os diversos testemunhos de pessoas estudiosas destas questões.

A Direcção do Boavista, expressa mais uma vez a sua gratidão a todos os componentes do Grupo que de uma forma empenhada continuam ao serviço da cultura popular, homenageando os seus antepassados, cantando dançando e representado, porque temos memória, e um grupo com memória só pode ter um grande futuro.

Um agradecimento especial ao comércio tradicional de Portalegre que continua a ajudar o "Boavista", ás diversas entidades publicas que reconhecem o nosso esforço, a todos quer a Direcção expressar o seu muito obrigado.

A Direcção do G F C Boavista

LENDA DA HERDADE DA CABAÇA - Portalegre

Em tempos não muito distantes, no olival da herdade da Cabaça era dado o azeite para a capela de Nossa Senhora do Socorro, para iluminar a santinha todo o ano.

E quando mudou o dono, deixaram de dar o azeite para a capela.

No ano seguinte as oliveiras, em vez de darem azeitona, deram bagas vermelhas e as folhas ficaram com o feitio das folhas das beldroegas.

Assim continuaram por alguns anos a dar bagas vermelhas.

Então os donos voltaram a dar o azeite para a capela de Nossa Senhora do Socorro. No entanto as oliveiras nunca mais voltaram a dar azeitona como davam antes. E passados tantos anos ainda em algumas oliveiras aparecem folhas e bagas esquisitas.

Versão de Portalegre, registada em 2001 por Rita de Jesus Baptista Covas Barroqueiro (n. Reguengo, 1934) e transcrita por Ruy Ventura.